

RODAS DE CONVERSAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENFRENTAMENTO DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Eixo Temático ET 10 - Diálogos sobre a Violência contra as Mulheres: Educação, Políticas Públicas, Proteção e Enfrentamento

Bárbara Fernanda Estevanato ¹
Helena Altmann ²

RESUMO

Um projeto de Educação de Jovens, Adultos e Idosos de Campinas planejou e executou rodas de conversa com o objetivo de discutir sobre violência, machismo, feminismo e masculinidades. Para isso, foi necessário entender que as relações e opressões que se apresentam de maneira interseccional influenciam as relações sociais e as experiências individuais na vida cotidiana, bem como que as violências podem ser apresentadas de formas físicas, verbais e cotidianas. Assim, aconteceram cinco encontros que foram essenciais para os/as estudantes compartilharem oralmente suas experiências pessoais e o estreitarem as relações de forma coletiva com seus/ suas colegas, além de contribuir na compreensão e enfrentamento de situações envolvendo violência e machismo de forma mais crítica.

Palavras-chave: Violência, Rodas de Conversa, EJAI.

INTRODUÇÃO

Hoje, social e historicamente a Educação e a escolarização são direitos importantes (CARREIRA, Denise, 2016), mas sabemos que ainda muitas pessoas não tiveram acesso ou precisaram abandonar o processo de educação regular por diversas motivações e por causa disso, muitos direitos foram negados, já que em suas trajetórias de vida alguns percalços ocorreram como a necessidade de trabalhar para contribuir no sustento familiar, ou outras tais como dificuldades de aprendizagem, *bullying*, gravidez, problemas em relacionamentos como violência, discordâncias de ideias, etc.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - SP, b167035@dac.unicamp.br;

² Professora orientadora: Doutora, professora na Faculdade de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - SP, altmann@unicamp.br.

No entanto, na fase adulta, ou até mesmo na “velhice”, essas pessoas veem a necessidade e oportunidade de retornarem aos bancos escolares em busca de desenvolver uma escolarização por meio da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) (FERNANDES, Fernanda, 2019; GOMES, Andressa, 2015, p.15). A EJAI é uma modalidade da Educação Básica destinada a um público de pessoas que não teve acesso à educação regular e engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, e pode ser oferecida pelos sistemas públicos de entidades federais, estaduais e municipais, ou promovida por instituições não governamentais, tais como: cursos populares, ONGs, igrejas, sistema S, entre outros. Nessas instituições, objetiva-se que alunos e alunas possam desenvolver habilidades, adquirir conhecimento e aperfeiçoar suas qualificações técnicas e profissionais a fim de atender demandas sociais e individuais.

Em consequência desse cenário estabelecido para as pessoas que não tiveram a educação na idade convencional em uma situação agudizada de opressão, Paulo Freire e Elza Freire apontam que a busca pela educação é uma possibilidade de lutar contra os processos de dominação aos quais foram submetidos ao longo da vida é uma prática de tomada de consciência e em um exercício de diálogo entre educadores e educandos, é possível dar sentido ao mundo e a si mesmos (BRANDÃO, Carlos, 1987, p. 13) possibilitando que os sujeitos se insiram no processo histórico, evitando fanatismos e inscrevendo-os na busca de sua afirmação. Ademais, um processo educacional baseado no debate questiona os saberes hierárquicos e as relações assimétricas tornando extremamente legítimo pensar no poder de uma educação libertadora.

Além disso, o trabalho de Paulo Freire contribuiu no sentido de que todas as pessoas têm o direito de teorizar sua subjetividade, e como sujeitos de resistências, podem definir a realidade, abrindo a possibilidade de transpassar Paulo Freire em estudos feministas (hooks, bell, 2017, p.75).

A partir desse pressuposto das subjetividades dos sujeitos, Guacira Lopes Louro (2003) recorda a necessidade de trazer as discussões de gênero para o campo educacional que contribuam para pensar em políticas de diferença e de tolerância em ambientes escolares.

Dentro desse contexto, um projeto da região noroeste da prefeitura de Campinas de EJAI que oferece educação regular para o Ensino Fundamental II busca colocar na sua organização de trabalho princípios pedagógicos que contribuem para uma formação libertadora e crítica. Com isso, o corpo docente, a coordenação e as psicólogas do projeto procuram atentar-se às necessidades dos alunos e alunas e desenvolverem atividades que

possam incentivar o diálogo e discutir temáticas que contribuam para conscientização coletiva.

Devido a sua alta relevância, esse projeto tem chamado atenção de pesquisadoras e pesquisadores que se empenham em temáticas da Educação, como é meu caso, na qual realizo uma pesquisa de mestrado que visa traçar o movimento de evasão e retorno aos bancos escolares considerando as relações e experiências de mulheres da Educação de Jovens e Adultos que, na qual de converso com as alunas que frequentam o espaço e as entrevisto com mais profundidade. Além disso, semanalmente as atividades que são realizadas, como passeios, aulas, rodas de conversa, aulas públicas e a partir dessa abertura tenho a possibilidade de compreender mais sobre as relações sociais que perpassam as experiências dessas mulheres.

Nesse sentido, no primeiro semestre de 2022 foi constatado que algumas alunas não estavam conseguindo frequentar as aulas de forma regular e a motivação eram problemas envolvendo machismo e violência doméstica. Por isso, foi planejado e executado rodas de conversas organizadas pela psicóloga, com a minha contribuição e das professoras e professores, que teve como principal objetivo discutir sobre temas relacionados a gênero como violência, machismo, feminismo, masculinidades, sentimentos, etc.

Além disso, quando se pensou no planejamento das rodas de conversa, foi considerado a necessidade de se entender as relações e opressões de maneira interseccional. A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, religião, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionais e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS, Patricia, 2015, pp. 15-16)

Ademais, dentro de um contexto educacional, é considerável lembrarmos que “cada aluno e aluna tem suas lembranças, sua família, sua religião, seus sentimentos, sua língua e sua cultura, que lhe dão uma voz característica” (hooks, bell 2019, p. 119) de forma que podemos encarar essas experiências de forma crítica, podendo ampliar o horizonte de conhecimento coexistindo de forma não hierárquica com outros modos de conhecer. Esse processo evita uma prática essencialista que considera as experiências de forma monolítica, no qual possibilita ter a visão de diferentes pontos de vista e nos ajudam a reunir conhecimentos mais plenos e inclusivos.

Orientar-nos em perspectivas bem fundamentadas sobre o conceito de experiência

permite o desenvolvimento de empatia pelas perspectivas e as experiências de pessoas e grupos diferentes de nós mesmos, “a empatia começa com um interesse nos fatos das vidas das outras pessoas, como indivíduos e como grupos” (COLLINS, Patricia, 2015, p.35). De modo que, quando encaramos as relações sociais que formam o plano de fundo das experiências, temos a possibilidade de entender melhor os detalhes das situações que afetam as biografias individuais das pessoas que procuramos conhecer.

Já que no se refere ao que o grupo entende como violência e porque discuti-la de forma coletiva, foi necessário perceber a violência mais do que agir com a força física contra alguém, mas refletir que a violência pode ser ameaças de caráter restritivo, linguajar que ofende ou agride verbalmente alguém, resultando em ferimento, morte, dano psicológico, mal-estar ou privação e quando especificamos sobre a violência de gênero, as violências podem ser mais explícitas como agressões, estupros, gritos, mas podem vir em formato de atos que humilham, ignoram, depreciam, culpabilizam, desvalorizam ou de maneiras mais sutis e cotidianos, como machismo expressos no humor, na linguagem, na música, na inviabilização (ROSSATO, Maíra et al., 2019).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A prática pedagógica da roda de conversa aqui relatada iniciou-se primeiramente com planejamento das rodas de forma integrada, envolvendo a psicóloga, eu como colaboradora, as professoras e professores. Foram definidos cerca de cinco encontros dentro do calendário para a realização das rodas de conversa e subdivido em dois grupos, um grupo de homens e outros grupos de mulheres para que permitisse mais participação e liberdade para se expressarem³. Cada roda era planejada de acordo com os encaminhamentos da roda anterior e apresentada na reunião de trabalho de pedagógico antes da execução para compartilhar e aprimorar as ideias. As rodas contaram com 18 mulheres e 9 homens que tem entre 17 a 75 anos. Os encontros duravam aproximadamente 1h e ocorreram nas noites de quartas-feiras e quintas-feiras, iniciando em abril e terminando em junho.

As atividades se desenvolviam com temas geradores apresentando filmes e atividades lúdicas, partindo para intervenções, interações e relatos de experiência, feedback no final e levantamento de possíveis propostas para próximas rodas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

³ É válido dizer que o projeto é um espaço amplo e que acolhe todas as pessoas independente da sua identidade de gênero, mas no primeiro semestre de 2022, todo o alunado era cisgênero.

A primeira roda de conversa foi um ponto de partida para os grupos se conhecerem melhor. Foi dada a proposta de cada pessoa contar 2 verdades e 1 mentira sobre elas mesmas, e o restante do grupo teria que adivinhar qual era a mentira. Por exemplo, eu contei que já tive cabelo de diferentes cores e cortes, que eu tocava violão e que eu gostava muito de ler, conseguindo ler um livro por semana. A mentira era que eu tocava violão. Outra professora que é uma pessoa bem alegre, contou que já tinha sofrido violência doméstica e as alunas não acreditaram que essa era uma verdade.

Essa dinâmica foi muito importante para o grupo, primeiro porque permitiu que houvesse uma identificação entre suas trajetórias, gostos, saberes e experiências, além de permitir que fosse aberta um espaço para diálogo, um aluno, por exemplo, disse que nunca teve oportunidade de dizer em nenhum lugar coisas a respeito dele mesmo, e que ele se sentiu muito a vontade.

Na segunda rodada, o tema foi “machismo cotidiano”, e foi mostrado aquela famosa curta “Acorda Raimundo...Acorda!!!” em que os clássicos papéis de gênero são invertidos. Logo após foi feita uma análise da curta e surgiu muitas reflexões entre os grupos sobre como o machismo fazia parte tanto do dia-a-dia daqueles homens e mulheres e principalmente como isso se manifestava inclusive pela violência.

A terceira roda de conversa foi sobre sentimentos, um tema muito importante e que a psicóloga deu atenção especial para conduzir de forma adequada. Foram disponibilizados vários lápis de cor e cada participante tinha que escolher uma cor que representasse o sentimento do dia e desenhasse algo com ele. Depois as pessoas com cores em comum tinham que compartilhar o que a cor representava para elas. Então azul poderia ser para algumas pessoas sentimentos de tranquilidade e para outras de tristeza. Essa atividade foi muito importante para os grupos, pois muitas pessoas compartilharam a dificuldade de falar sobre seus sentimentos e saber quando procurar ajuda.

Já a quarta roda foi um balanço geral, das rodas de conversas anteriores e um momento para compartilhar quais atividades mais gostaram. Em ambos os grupos, falaram muito sobre o encontro que conversam sobre machismo. Entre as mulheres, inclusive, foi conversado muito sobre como em suas trajetórias pessoais passaram por várias situações machistas e de violência, agressões, proibição de frequentar a escola, assédio no trabalho, e que estão conseguindo ajudar colegas que estão na mesma situação depois das rodas de conversa e que querem mais atividades que falem sobre sexualidade, machismo, feminismo, e autoestima.

Por fim, a última roda de conversa, os grupos fizeram no papel craft uma representação do que estavam levando como coletivo e individual das dinâmicas, enquanto que para os

homens, o desenho envolveu mais as noções de integração e sentimento de estar livres para falarem dos seus sentimentos, as mulheres trouxeram muito desenhos, frases e palavras que envolvem união, sororidade, e coragem.

Assim com as rodas de discussão e registros de fotografias e desenhos, observou-se uma manifestação positiva dos/das estudantes com relação à proposta, destacando-se a importância de compartilharem oralmente suas experiências pessoais, e ainda de como é positivo estreitar as relações de forma coletiva, além de compreender as situações envolvendo violência e machismo de forma mais crítica imbricando inclusive a outros temas, como a questão do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desse processo de atividades, a psicóloga responsável pela organização das rodas preparou uma apresentação na reunião pedagógica relatando as atividades, considerando questões importantes, problemáticas e encaminhamentos para a coordenação que pode fortalecer nas ações políticas de proteção e enfrentamento da violência das alunas que frequentam o projeto e de outras que possam vir participar, vale dizer que houve votos favoráveis que as rodas de conversa continuem em vigor com novas temáticas sobre gênero para o segundo semestre, inclusive com as turmas da tarde.

Além disso, as rodas de conversa foram um importante método de reflexão para compreender a EJAI e como as questões de violência gênero se ligam a outros processos de opressão e desigualdades políticas, sociais e de acesso a direitos. Assim, atividades como essa, objetivam multiplicar espaços de diálogo que incentivam a transformação da realidade de suas trajetórias pessoais como na construção coletiva das relações que participam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação de Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fomento a pesquisa via processo nº2021/08064-4.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. R. **O que é método Paulo Freire?** 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

CARREIRA, Denise. **Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais** / Denise Carreira... [et al.]. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.

COLLINS, Patricia, Hill. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. Reflexões e práticas de transformação feminista.** SÃO PAULO, p. 13-42, 2015.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

FERNANDES, Fernanda. **Os idosos na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. RIO DE JANEIRO, MultiRio, 2019.

GOMES, Andressa, C. Os significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar. **Interagir: Pensando a extensão**, n. 20, p. 01-21, 2015.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 283 p. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. São Paulo, Editora Vozes, 2011. 192 p.

ROSSATO, Maíra Suertegaray *et al.* OFICINA IN (TER) VENÇÕES: DISCUTINDO VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **EJA em Debate**, 2019.

SPIGOLON, Nima. I. **Pedagogia da Convivência: Elza Freire - uma vida que faz educação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.